

Sampaio, Jorge Davide & Aubry, Thierry (2011) - Parque Arqueológico do Vale do Côa: entre os dados da experimentação arqueológica e o público. In Morgado, Antonio; Baena Preysler, Javier; García González, David, eds. - *La Investigación Experimental Aplicada a la Arqueología. Vol. 1: Tecnología y Traceología Lítica Prehistórica y Su Experimentación*. Granada: Universidad de Granada, p. 461-468.

# Parque Arqueológico do Vale do Côa: entre os dados da experimentação arqueológica e o público

Jorge Davide SAMPAIO y Thierry AUBRY

*Parque Arqueológico do Vale do Côa. Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I.P.*

## Resumo

O programa experimental desenvolvido pelo Parque Arqueológico do Vale do côa (PAVC) a partir de 2003 encontra a sua origem na tentativa de dar resposta a algumas questões suscitadas pela investigação arqueológica desenvolvida ao longo de mais de 10 anos em torno da contextualização da arte paleolítica do Vale do Côa. Nesta que é a primeira etapa do programa de Arqueologia experimental do PAVC, partimos de 3 temas tidos como fundamentais para uma melhor caracterização das actividades associadas à caça

e ao mundo artístico (Aubry e Sampaio, neste volume). Os resultados obtidos no decurso de tal investigação foram divulgados em canais da especialidade, e utilizados para públicos indiferenciados, essencialmente através de oficinas e reconstituições. Este artigo apresenta uma reflexão sobre as vias possíveis de difusão de aspectos concretos do quotidiano dos caçadores/artistas paleolíticos do vale do Côa, com um balanço dos aspectos positivos e negativos das actividades desenvolvidas, indagando ainda sobre a problemática da dialéctica interpretativa.

**Palabras clave:** Arqueologia experimental, divulgação, Parque Arqueológico do Vale do Côa.

## Abstract

*The experimental programs developed by the Archaeological Park of the Côa Valley (PAVC) from 2003 find its origin in the attempt to answer more than to some questions originated for the developed archaeological inquiry throughout 10 years, on the context of the Palaeolithic art of the Côa Valley. In that it is the first stage of the program of experimental Archaeology of the PAVC, we leave of 3 subjects as basic for one better characterization, it wants of the production processes and use of tools cut in rock, wants of the space and functional organization of stone structures or of the relation technique*

*between utensils found in the Palaeolithic excavations and engravings. The results had been divulged in canals of the specialty, for specific public, and of generic public, essentially through workshops and reconstitutions. The text presented here draws this small passage related with the spreading of archaeology around concrete questions on the day-by-day of the hunters/artists Palaeolithic of the Côa valley, making of summary form a relation of the positive and negative aspects associates to all the activities developed, inquiring on the problematic of the to interpretative dialectic.*

**Key words:** *Experimental archaeology, spreading, Archaeological Park of the Côa Valley.*

## Introdução

O presente artigo expõe uma reflexão em torno da problemática relacionada com a comunicação dos resultados das actividades de mediação desenvolvidas nos últimos 6 anos pelo Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) nomeadamente em relação às acções demonstrativas e

reconstitutivas levadas a cabo junto do público que aqui afui para visita à arte rupestre, como também associadas a programas expositivos itinerantes e a actividades escolares na região abrangida pelo PAVC. ►

► A abrangência cronológica deste programa reporta-se exclusivamente ao Paleolítico superior, por duas razões em particular: primeiramente pelo facto de terem sido colocados no decorrer das investigações aqui levadas a cabo desde a segunda metade da década de 90, no âmbito do projecto de contextualização da arte paleolítica do vale do Côa (Zilhão 1997), alguns problemas relacionados com a identificação e interpretação funcional de determinados vestígios arqueológicos; depois, porque mais de uma década após a decisão da conservação *in situ* do conjunto artístico gravado

nas margens do troço final do rio Côa, continuam a colocar-se problemas no que diz respeito à comunicação e acesso aos resultados da referida investigação (Aubry e Sampaio 2008: 23). Pese ainda o investimento da investigação decorrida nestes anos, cujos resultados permitiram estabelecer as linhas gerais da ocupação paleolítica, bem como objectivar a cronologia de uma parte da arte gravada (Aubry e Sampaio 2008), algumas questões, ainda que revestidas de certa minudência, continuam a revelar-se de difícil caracterização.

## ***A abordagem experimental de problemas arqueológicos e a dialéctica interpretativa para a ciência e para o público: o caso do Vale do Côa***

### **Os públicos**

Sendo a abordagem experimental uma parte integrante dos métodos de estudo na Arqueologia (Sampaio e Aubry 2008), tornou-se legítimo canalizar os seus resultados tangíveis, como uma das vias privilegiadas para a materialização das actividades do passado. Mas, de que forma poderemos ultrapassar a distância que separa os dados mais ou menos objectivos alcançados durante os trabalhos arqueológicos e procura de "certezas" por parte do grande público? Como otimizar a nem sempre fácil relação dialéctica entre a investigação e a aplicação dos seus resultados junto de um público não especializado? De uma forma geral, os dados obtidos no âmbito da elaboração de um referencial experimental são destinados a três grandes categorias de público:

**a)** Especializado, constituído essencialmente por arqueólogos e estudantes de arqueologia. A informação é veiculada através das revistas da especialidade, cujo quadro interpretativo se apresenta de forma abrangente, mas que, entrando no campo da verosimilhança, acaba por avançar uma hipótese;

**b)** Indiferenciado, através da imprensa escrita e televisiva, cujas interpretações são veiculadas pelas recriações históricas, arqueológicas e eventos comemorativos, em que não se apresenta um quadro interpretativo, mas sim uma hipótese concreta.

**c)** Indiferenciado, pela via da mediação patrimonial, essencialmente a partir dos museus e projectos associativos.

No primeiro caso, em função dos dados disponíveis, pretende-se apresentar um maior leque possível de variáveis, objectivando a hipótese mais provável, num quadro de

investigação *sensu stricto* ou de "aproximação integral", enquanto no segundo e terceiro caso se assume uma hipótese como sendo a mais válida ou a única. Apesar de ser cada vez mais notória uma certa preocupação com os enquadramentos científicos, quer ao nível da história, quer da arqueologia, projectos há em que por falta de verbas, de determinação ou de formação dos mediadores (ambos essenciais no desenvolvimento de programas multidisciplinares de médio/ longo prazo), os resultados apresentam-se com imprecisões, a maior parte das vezes imperceptíveis ao olhar do grande público que avidamente e em número crescente, procura estes formatos oferecidos essencialmente por museus como um paliativo à clássica visita em espaço fechado.

Por outro lado, representando a Arqueologia experimental o aspecto popular, lúdico e estimulante da pesquisa arqueológica, continuam a confundir-se duas acções complementares no sentido da demonstração prática dos resultados de uma pesquisa, mas distintos na sua significância: a experimentação e a reconstituição/recriação (Sampaio e Aubry 2008: 16). Em Portugal, a tradição da aplicação da experimentação à Arqueologia está praticamente ausente, pelo que as instituições museológicas continuam a divulgar com alguma pompa programas reconstitutivos, caracterizando-os como sessões de "Arqueologia experimental". A questão que se coloca não é apenas a da atribuição errónea de uma designação a uma actividade cultural no domínio da história ou arqueologia, mas sim de uma ideia que paulatinamente se vai concebendo no seio da comunidade científica e académica, implicando prejuízo na afirmação do método experimental e que por isso acaba por não integrar os programas universitários, ao contrário do que vem sendo hábito em países como Inglaterra, França, Holanda, Dinamarca ou Espanha.

1. Termo utilizado para definir o projecto de arqueologia experimental aplicado ao povoado de La Algaba (Ronda, Málaga) (Moreno et al. 2007)

## Os canais de divulgação: aspectos positivos e negativos

### Ilustrações reconstituidas

Não sendo objectivo deste trabalho apontar a complexa rede de ideias passíveis de explorar em torno da objectividade e subjectividade na forma como devem ou não ser apresentados os “gestos” do passado (tema largamente discutido e também por nós abordado em Sampaio e Aubry 2008: 13-17), pretendemos apresentar alguns exemplos da aplicação dos resultados obtidos a partir do programa experimental do PAVC.

Ora, um tipo de suporte informativo importante no contexto da divulgação e que materializa uma hipótese provável são as ilustrações reconstituidas, por proporcionarem a explicação da informação que se pretende passar de forma inteligível. Não obstante, esta forma de divulgar manifesta algum perigo, já que acaba por fixar um instante, um momento passado, e

este passa a ser entendido pelo público não como uma mera hipótese mais ou menos próxima da verdade, mas como única (a válida). Esta é uma dificuldade em que mesmo partindo-se de dados concretos, como no caso do Vale do Côa, em que foram produzidas uma série de ilustrações com o objectivo de apoiar a divulgação para o grande público (a partir das informações recolhidas em sítios onde foram investidos vários anos de investigação) (a título de exemplo: Figs. 1 e 2), se terá que assumir tais propostas. Mesmo tendo consciência que o que se sugere são vivências ou acções transcorridas, na realidade mais não se faz do que produzir passados. Aliás, como já Vítor Oliveira Jorge já admitiu, também se produzem sentidos, criam histórias e ampliam memórias ao longo de uma etapa científica em que classicamente se “recolhem, classificam e arrumam objectos...” (2003). ►



Figura 1. Reconstituição de cena de pré-caça no planalto das Pedras Altas junto aos sítios paleolíticos de Olga Grande.



Figura 2. Reconstituição de cena de tratamento de carne em estrutura de combustão Gravettense no sítio de Olga Grande 4

## Reconstituição e encenação

Numa outra perspectiva, refira-se a reconstituição “Um dia no Paleolítico superior” com encenação de carácter lúdico, levada a cabo em 2007 pelo PAVC em parceria com a Associação ASTA de Almeida em que, desta vez, partindo-se igualmente de hipóteses de interpretação dos dados arqueológicos disponíveis (modos de utilização de estruturas de combustão descobertas em contexto Gravettense, dos traços de usos de pigmentos minerais, dos vestígios relacionada com a caça, do tratamento dos alimentos, etc.) se multiplicaram momentos, em vez de os fixar em esquemas ou ilustrações, como no caso anterior. Representam, pois, o mesmo perigo enquanto veículos de divulgação do passado, como uma possível utilização dos *clichés* difundidos pelo cinema, embora implicando uma participação activa do “público transformado em actor”, constituindo uma forma apelativa de aproximação ao passado.

## Oficina de Arqueologia experimental

Uma outra forma de difundir o passado, muitas vezes nem sempre fácil de assimilar a partir de manuais ou da literatura especializada de acesso difícil, sobretudo quando se quer introduzir temas recuados do passado humano, como no caso concreto do Vale do Côa, são as “oficinas de arqueologia experimental”.

Nesta categoria, as actividades demonstrativas desenvolvidas nestas oficinas visam essencialmente complementar a visita pública à arte rupestre. A oficina é

móvel, sendo deslocada entre a sede do PAVC, um dos centros de recepção, as escolas da região e, pontualmente, outros locais. A área geográfica não ultrapassa o Norte e Centro de Portugal e o público é maioritariamente escolar (entre os 4 e os 16 anos). O restante (cerca de 10%) é indiferenciado, participando essencialmente no contexto de exposições itinerantes a que nos referiremos adiante, e no contexto de datas comemorativas, quer do PAVC, quer da classificação da Arte do Côa como Património Mundial.

As questões levantadas dizem respeito a facetas específicas do quotidiano dos caçadores e artistas do Vale Côa, associadas à caça: confecção, utilização e abandono das armas; tratamento e conservação de alimentos; arte rupestre em termos funcionais, interpretativos e cronológicos.

Estes temas, que de uma forma geral conduzem o público aos “gestos” técnicos relacionados com a caça, actividades domésticas e arte rupestre (Fig. 3) apresentam muitos aspectos positivos, desde logo, o melhor suporte comunicacional na aprendizagem da história, por proporcionar experiências novas, criando um maior interesse pelo passado; pelo contacto directo com os materiais experimentais (cheiro, densidade, funcionalidade); e o “contacto emocional”, resultando a percepção daquilo que comumente é designado por “magia do tempo”.

Relativamente aos aspectos negativos constata-se uma clara dificuldade na concretização das actividades de duração mais ampla do quotidiano dos homens do Paleolítico, tal como a construção e utilização de estruturas de combustão e os métodos de conservação dos alimentos. O principal problema encontrado reside na limitação da análise dos aspectos técnicos da arte (técnicas de gravação, utilização dos pigmentos, ...), os quais não ajudam a ultrapassar questões concretas e abordar o tema da interpretação da arte rupestre.

A oficina tem sido desenvolvida, desde 2007, no contexto de uma outra modalidade de visita: “No rasto dos caçadores paleolíticos”, que pretende igualmente complementar a visita aos núcleos de arte rupestre, dando a conhecer uma parte importante dos territórios explorados durante o Paleolítico superior no curso final do rio Côa. Destacamos apenas o facto de esta visita decorrer em dois dos sítios ocupados durante o Paleolítico superior e permitir uma contextualização



Figura. 3. Oficina de Arqueologia experimental levada a cabo no âmbito da exposição “A arte que o Côa Guarda”

arqueológica da arte, sendo que os aspectos negativos expostos anteriormente se reportam à dificuldade técnica na apresentação ao nível da construção e utilização de estruturas de combustão e aos métodos de conservação dos alimentos.

### Exposições

Em 2007 numa parceria com o Município da Guarda, o PAVC elaborou o material para uma exposição de carácter itinerante "A Arte que o Côa Guarda – Arte rupestre e Arqueologia do Vale do Côa", de forma a divulgar aquele que

é considerado o maior conjunto de arte rupestre Paleolítica de ar livre em todo o mundo bem como os cerca de 10 anos de trabalhos arqueológicos dedicados ao estudo dos vestígios dos grupos humanos que tão sabiamente gravaram esta arte.

Para além das réplicas de arte rupestre e de arte móvel, uma parte da exposição é dedicada à apresentação de uma reconstituição de um acampamento Gravettense com base nos dados arqueológicos obtidos durante as intervenções no sítio de Cardina (Sta. Comba, V. N. Foz Côa). (Figs. 4 e 5).



*Figura 4. Reconstituição de parte de acampamento Gravettense patente na exposição itinerante "A Arte que o Côa Guarda"*



*Figura 5. Pormenor de parte do acampamento Gravettense patente na exposição itinerante "A Arte que o Côa Guarda"*

► Esta exposição é regularmente complementada por duas oficinas (“oficina de arqueologia experimental” e “oficina dos pequenos arqueólogos”) que pretendem esclarecer tópicos relacionados com as principais actividades das reconstituições estáticas apresentadas.

Como já referimos atrás, este tipo de interpretação caracteriza-se pela necessidade de escolher uma única ou um número reduzido de soluções técnicas para exemplificar cada categoria de actividade implicando, desde logo, uma perda da diversidade interpretativa e pela separação espacial (artificial) para a simplificação da mensagem ligada a cada uma das actividades, sendo estes os aspectos negativos que salientamos.

### Museologia

No âmbito da preparação dos conteúdos museológicos para os diferentes espaços do Museu do Côa (equipamento com data de abertura prevista até ao final do presente ano) foram levados a cabo as seguintes acções:

a) Reconstituições arqueológicas para produção de audiovisuais (Sala do Território, Homem e Tempo), com o objectivo de se mostrar o *processo de formação dos sítios arqueológicos*;

b) Réplicas arqueológicas:

- *Percurso entre os objectos e os comportamentos*, nomeadamente as etapas associadas às actividades da caça e domésticas

- *Cortes estratigráficos*, contextualizados por reconstituições de solos arqueológicos.

### Formação

Do ponto de vista da formação, o PAVC associou-se à empresa Setepés<sup>2</sup>, proporcionando consultoria científica num Curso de Técnicas de Arqueologia Experimental decorrido entre Junho e Outubro de 2007, em Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa).

Apesar de ter decorrido numa região distante dos grandes centros urbanos e por ter dedicado o seu programa formativo a questões técnicas associadas ao Paleolítico superior, a formação saldou-se extremamente positiva (Fig. 6). A taxa de cumprimento foi de 99%, ao longo de 4 meses, em horário maioritariamente pós laboral. O conteúdo programático foi idealizado de forma a proporcionar uma componente pedagógica e de serviço educativo relevante, intercalado com questões de teor teórico/prático

(com grande ênfase à formação em campo incluindo um breve contacto com os trabalhos a ser desenvolvidos do Museu de Altamira (Espanha), dedicadas em exclusivo ao período que enquadra cronologicamente o grosso da arte rupestre do vale do Côa. Apesar de ainda não se ter proporcionado o encaixe profissional (excepto a colaboração mantida com um dos recém-formados), há a expectativa de que o Museu do Côa possa vir a reverter tal situação.



Figura 6. Apresentação pública de exposição resultante do curso de “Técnicas de Arqueologia experimental”

Ainda por altura do arranque deste curso, foi levada a cabo uma sessão de Arqueologia Experimental na Meda no âmbito de um fórum dedicado à valorização do património regional. Teve por objectivo avaliar o panorama deste domínio, reunindo os projectos que em Portugal têm desenvolvido de forma mais ou menos enquadrada programas experimentais. Sabendo à partida que a aplicabilidade do método experimental em Arqueologia estava no seu estágio inaugural, essencialmente com os trabalhos orientados para problemas arqueológicos concretos desenvolvidos no vale do Côa, o PAVC orientou esta sessão voltada para os temas *Investigação e Divulgação*.

2. Empresa do sector criativo, gestora de projectos artístico-culturais.

No decorrer da sessão foram apresentados os principais projectos a decorrer em Portugal com componentes interpretativas e experimentais associadas, ou não, a museus resultando uma primeira impressão das potencialidades e problemas especialmente decorrentes de problemáticas arqueológicas. Por outro lado, discutiram-se e perspectivaram-se vias possíveis para a implementação de projectos nesta área.

### Divulgação e o grande público

A partir dos mesmos resultados, os técnicos do PAVC deram consultoria científica e participaram na realização de um documentário sobre a arte e a arqueologia do vale do Côa no final do ano transacto, levado a cabo pelo Canal História (Vale do Côa: dois Patrimónios Mundiais). Ora, as questões abordadas durante a construção do guião cujo fio narrativo permitiu a ligação da arte à arqueologia ou, de outro modo, das actividades associadas à caça e ao labor doméstico às actividades artísticas durante o Paleolítico superior, colocaram algumas dificuldades relacionadas com as propostas experimentais e a dialéctica interpretativa, das quais a *materialização da hipótese mais verosímil* se revelou particularmente difícil. Muitas vezes, a arqueologia experimental não se traduz numa resposta fácil, umas vezes

pela dificuldade em gerir as variáveis em função dos dados disponíveis, outras, porque simplesmente não se obtêm quaisquer resultados que se coadunem com o leque de interpretações possíveis. No caso concreto, optou-se por tratar apenas facetas passíveis de reconstituir com base nas experiências já levadas a cabo, tendo consciência que estas poderão passar a constituir a *garantia do cientista*.

Por a arqueologia experimental ser um método eficaz no ensino da história mais recuada do homem, dando resposta às questões sociais que reivindicam uma arqueologia muito mais próxima do público, dotada de outros métodos, de emoção e simultaneamente sentido crítica, é necessário que os dados encaminhados para a tão popular fórmula documental, obedeçam a uma apertada malha de estudos levados a cabo com rigor e multidisciplinaridade, mas que também revelem o poder de decisão do arqueólogo face a ideias pré-feitas, de fácil assimilação, como (ainda) acontece, por exemplo, em relação à forma repetitiva de apresentar o Homem de Neandertal. Habituo-nos a ver um antepassado de barba e cabelo comprido a caminhar sistematicamente na neve, oculto por um sem número de peles encardidas e mal preparada! Esta é apenas uma das muitas rotinas explicativas que a ciência fez questão de alimentar sem avançar novas e mais folgadas propostas do ponto de vista interpretativo.

---

### Conclusão

O programa científico e a sua vertente experimental não podem ser breve ou fragmentário. Deve cumprir metodologias temporalmente longas face à forma como os dados são apresentados pelos *Media* nos seus vários formatos e consumido pelo grande público. O arqueólogo experimentalista deve, pois, ter um papel interventivo de forma a seguir as várias etapas da concretização do saber em Arqueologia. Desde o estágio inicial em que se identifica um problema no sentido da caracterização funcional de determinados objectos, estruturas e/ou das associações possíveis entre ambos, passando pela construção de um programa experimental com capacidade temporal e multidisciplinar, até à divulgação dos resultados, os quais devem, cada vez mais, ultrapassar o clássico quadro de divulgação hermética e especializada. Porém, até que ponto devemos integrar tais resultados num discurso demonstrativo como aquele que começa a ser praticado pelas instituições museológicas, em que mais não se expõe do que *flashes* ou segmentos específicos do conhecimento e com base em dados arqueológicos sem relação com o lugar?

Sabendo que a divulgação sempre padecerá de uma certa visão de conjunto em relação às sociedades, vivências que integram os gestos do passado, a solução passará certamente por uma cada vez maior integração do domínio experimental nos métodos de estudo da Arqueologia de forma a “preencher vazios”, ou pelo menos, aclarar dúvidas, acrescentando dados novos à ciência e ao público. Por outro lado, surgem a ritmo crescente os programas reconstitutivos, movidos pela alavanca das necessidades rítmicas da política, nem sempre desenvolvidos com base em protocolos experimentais, os quais parecem concorrer para que o passado seja divulgado à *la carte*, respondendo às pressões do denominado “mercado da cultura da memória”.

Devemos ressaltar que, tal como fizemos ao longo do texto, o arqueólogo experimentalista deve manter uma atitude diligente, não devendo negligenciar ou menosprezar qualquer uma das vias de difusão dos dados arqueológicos, quando empreende uma qualquer acção no âmbito experimental e/ou interpretativo que implique uma comunicação de dados sobre o passado humano. É imperioso que, acima de tudo, se reconheçam os objectivos e as limitações de tais actividades. ■

---

## Bibliografia

---

- AUBRY, T.; SAMPAIO, J. D. (2008): "Dos dados arqueológicos ao grande público: o exemplo do Vale do Côa". In Sampaio J. D.; Aubry, T. (ed.): *Fórum Valorização e Promoção do Património Regional. Actas das sessões; Vol. 4*. Porto: ACDR de Freixo de Numão: 22-33.
- JORGE, V.O. (2003): "Fecundidade de uma perspectiva pragmática "inquietante" (no sentido de Boaventura Sousa Santos) em Arqueologia" In: *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. Vol. I: 143-153.
- MORENO, F.; SANCHEZ, M.; TERROBA, J.; AFONSO, J.; MARTINEZ, G.; MORGADO, A.; MORENO, J. (2007): "Un proyecto integral de arqueología experimental: el poblado de La Algaba (Ronda, Málaga)". In *Arqueología experimental en la Península Ibérica: investigación, didáctica- y patrimonio*. Asociación Española de Arqueología Experimental. Santander: 37-43.
- SAMPAIO, J. D.; AUBRY, T. (2008): "Testar e recriar em Arqueologia: balanço e perspectivas". In Sampaio J. D.; Aubry, T. (ed.): *Fórum Valorização e Promoção do Património Regional. Actas das sessões; Vol. 4*. Porto: ACDR de Freixo de Numão: 10-21.
- ZILHÃO, J. (coord.) (1997): "Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa. Trabalhos de 1995 – 1996". *Relatório Científico ao Governo da República portuguesa elaborado nos termos da resolução do Conselho de Ministros nº 4/96, de 17 de Janeiro*.